

Gênero e sexualidade na formação em comunicação: experiências docentes na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Gender and sexuality in the teaching of communication: education experiences in the federal University of Ouro Preto (UFOP)

Género y sexualidad en la formación en comunicación: experiencias docentes en la Universidad Federal de Ouro Preto (UFOP)

Recebido em: 26/03/2022

Aceito em: 06/05/2022

DOI: 10.46952/rebej.v12i30.479

RESUMO

Desenvolvemos um relato de experiência que passa pelos desafios de, como docente/pesquisadora mulher e docente/pesquisador bicha, construirmos, em conjunto e junto às/aos estudantes, modos de existência em uma sociedade cis-hetero-patriarcal, racista e normativa. Ponderamos sobre situações vivenciadas, narramos caminhos percorridos e mobilizamos referenciais teóricos, políticos e epistemológicos que foram necessários nesse percurso. Esperamos contribuir para a ampliação das reflexões em torno da prática docente, marcada pelas discussões de gênero e de sexualidade, no espectro da formação em Comunicação e do compromisso com uma atuação localizada, articulada entre ensino, pesquisa e extensão em uma universidade pública do interior do país.

PALAVRAS-CHAVE

Prática docente. Gênero. Sexualidade. Ensino de Comunicação/Jornalismo.

ABSTRACT

In this text we develop an experience report that goes through the challenges of, as a female teacher/researcher and gay teacher/researcher, to build, together and together with students, ways of existence in a cis-hetero-patriarchal, racist and normative society. We ponder over lived situations, narrate paths taken and mobilize theoretical, political and epistemological references that were necessary in this journey. We hope to contribute to the expansion of reflections around teaching practice, marked by discussions around gender and sexuality, in the spectrum of education in Communication and the commitment to a localized action, articulated between teaching, research and extension in a public university in the interior of the country.

KEYWORDS

Teaching practice. Gender. Sexuality. Teaching Communication/Journalism.

RESUMEN

En este texto desarrollamos un relato de experiencia que recorre los desafíos de, como docente/investigadora mujer y docente/investigador gay, construir, junto y junto a los estudiantes, modos de existencia en un mundo cis-hetero-patriarcal, racista y sociedad normativa. Reflexionamos sobre situaciones vividas, narramos caminos recorridos y movilizamos referentes teóricos, políticos y epistemológicos que fueron necesarios en este recorrido. Esperamos contribuir a la ampliación de reflexiones sobre la práctica docente, marcada por discusiones sobre género y sexualidad, en el espectro de la formación en Comunicación y el compromiso de una acción localizada, articulada entre docencia, investigación y extensión en una universidad pública del interior

PALABRAS CLAVE

Práctica docente. Género. Sexualidad. Docente de la Comunicación/Periodismo.



Karina Gomes Barbosa

karina.barbosa@gmail.com

Doutora em Comunicação Social e professora de graduação em jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP.

Felipe V. K. M. Mendonça

felipeviero@gmail.com

Doutor em Ciências da Comunicação e professor de graduação em jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP.

1 APRESENTAÇÃO

Este texto apresenta um conjunto de reflexões e experiências individuais e em dupla, partilhado por uma professora e um professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É possibilitado pelo encontro físico, epistemológico e afetivo de dois sujeitos atravessados subjetiva e academicamente pelas questões de gênero em um curso superior de uma universidade pública federal do interior mineiro. De um lado, uma mulher heterossexual, cisgênero e mãe, pesquisadora feminista de gênero e mídia; de outro, um homem gay, cisgênero, branco, investigador de questões de gênero e de sexualidade no jornalismo e na cultura pop. Nosso encontro se dá em diversas esferas e camadas de nossa atuação: ao lecionar a mesma disciplina na graduação, em momentos distintos; em disciplinas no PPGCOM relacionadas às temáticas de gênero; nas bancas de trabalhos de graduação e de pós-graduação de pesquisas relacionadas aos estudos de gênero, em suas diversas vertentes; ao coordenarmos ações extensionistas voltadas a questões de gênero; ao compartilharmos, no trabalho, em conversas e mensagens, inquietações, interpelações e afetos¹.

Tal movimento é suscitado pelo desejo de registrar, discutir e problematizar nossas trajetórias no contexto em que se constroem: uma tradicional universidade pública de Minas Gerais, fundada na cultura centenária das repúblicas em que já predominaram machismo, misoginia e assédio, mas que tem sido gradualmente transformada graças à ocupação do ambiente universitário por corpos diversos, que reivindicam respeito e reconhecimento. Nosso exercício é de uma pedagogia crítica, “aquela que não separa a dimensão política da pedagógica no campo da educação” (HADDAD, 2020, p. 13), inspirados, como bell hooks², por Paulo Freire.

Também nos motiva um desejo de ruptura com os pressupostos patriarcais que regem o jornalismo e se espraiam pela formação na área. Luís Felipe Miguel e Flávia Biroli (2010, p. 71) apontam que o jornalismo mimetiza um padrão discursivo dominante, no qual “os porta-vozes dos grupos subalternos tornam-se incapazes de transmitir sua experiência vivida (...) vão, com frequência, ‘ser falados’ por outros. Seus interesses presumidos são vocalizados na esfera pública por outros agentes”; nesse contexto, esses sujeitos muitas vezes optam pelo silêncio. Acreditamos que é urgente desnaturalizar fundamentos do jornalismo como objetividade, neutralidade, imparcialidade em prol de modelos situados, que mais desafiem a hegemonia discursiva que a disputem, nos quais “a reivindicação da pluralidade de perspectivas, assim, tensiona as formas estabelecidas de exclusão e dominação” (MIGUEL; BIROLI, 2010, p. 73) — especialmente, a nosso ver, a dominação heteropatriarcal. É a partir dessa perspectiva que efetuamos o gesto de propor um atravessamento interseccional fundamental de gênero e sexualidade no percurso formativo em Jornalismo. Buscamos, com isso, fazer emergir modelos de jornalismo diversos e plurais, que reconheçam a natureza masculina do padrão hegemônico e busquem

¹ Novelas, seriados, filmes, impressões, conceitos, autoras e autores, ultrajes e angústias partilhadas fazem parte dos diálogos presenciais e digitais evocados aqui.

² Pseudônimo da escritora e ativista feminista estadunidense Gloria Jean Watkins, em homenagem a mãe e avó. Morta em 2021, mantinha a grafia do nome em minúsculas para dar destaque à obra, não à pessoa.

formas de transformá-lo, desafiá-lo, instabilizá-lo, por meio de experimentações, novas visadas e olhares subversivos.

2 KARINA

A disciplina Gênero e Jornalismo (GenJor) foi criada no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em 2014, durante a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC)³, e é quase simultânea à minha chegada à UFOP. Ofertada pela primeira vez no 2º semestre de 2016, Gênero e Jornalismo materializa um desejo de institucionalizar, no percurso formativo de estudantes de Jornalismo no interior do país, as discussões sobre gênero e sexualidade e sua interface com a atuação jornalística; ainda, de maneira mais ampla, promover uma formação para a atuação jornalística calcada em direitos humanos. As reflexões que teço partem da leitura de “Ensinando o pensamento crítico” (2020), de bell hooks, e me permitem olhar em retrospecto para a prática docente feminista que exerço e articulo em sala, aprender com ela e transformá-la.

O projeto foi inspirado e moldado pelos caminhos da minha formação e por duas experiências, uma docente e outra discente, no doutorado em Comunicação Social na Universidade de Brasília (UnB). A primeira foi uma oferta da disciplina Comunicação e Gênero, como ensino orientado, ao lado da professora e pesquisadora feminista Liliâne Machado, autora de uma tese pioneira na interseção entre feminismo, mídia e infância, “E a mídia criou a mulher: como a tv e o cinema constroem o sistema de sexo/gênero” (2006). A segunda experiência foi na disciplina Gênero e Literatura, ministrada pela professora e pesquisadora feminista Cristina Stevens. Uma sala de aula formada por mulheres feministas, da graduação ao doutorado. Encontros apaixonados, com profundos mergulhos nos textos e em nossos projetos de pesquisa. Há rastros de ambas experiências na estruturação de GenJor e na bibliografia inicialmente proposta. Há rastros, também, da educadora que sou e do constante processo de formar-me como pesquisadora e como feminista, aprendizado incessante e sempre em devir.

A ementa da disciplina busca articular uma introdução a fundamentos teórico-metodológicos dos estudos de gênero, em perspectiva diacrônica; um mergulho no estudo de representações de gênero na mídia; e, finalmente, a interseção entre estudos de gênero e jornalismo. O objetivo é fomentar em futuros jornalistas uma compreensão gendrada ou generificada do Jornalismo: pensar, a partir do gênero, todas as etapas e dimensões da atividade jornalística. Para isso, busco, na disciplina, 1) oferecer um arcabouço conceitual e crítico para introduzir e posicionar as e os estudantes na discussão; 2) apresentar um panorama crítico e histórico das representações midiáticas de grupos como mulheres e sujeitos LGBTQI+, no cinema, TV, imprensa, publicidade, entre outros; e 3) discutir princípios, técnicas e ferramentas para o exercício de uma cobertura informada e especializada acerca de gênero e sexualidade, desde a construção da pauta, passando por produção e pós-produção e seus atravessamentos éticos, bem como por manuais de comunicação e jornalismo voltados para gênero e sexualidade, até a quebra de padrões patriarcais, sexistas, heteronormativos e LGBTQfóbicos na cobertura jornalística.

Para qualificar o percurso de aprendizado, há três avaliações. A maioria em grupo, por acreditar, conforme hooks (2020), que a atuação coletiva evita focar em

³ O PPC foi na UFOP em 18 de junho de 2015, conforme a Resolução CEPE nº 6.356.

soluções apenas individuais para a sociedade. Assim, há a produção de artigo em autoria coletiva com análise crítica de um produto comunicacional na perspectiva de gênero e sexualidade. A segunda avaliação trata-se de reportagem produzida por grupos, em formatos livres (com preferência para formatos textuais), a partir de ponto de vista gendrado. Finalmente, em fichas de leitura lanço questões acerca dos textos a serem discutidos. Tal instrumento tem se mostrado, para mim, uma leitura prazerosa e plural do encontro das e dos estudantes com os textos. Muitas vezes se articulam questões teóricas a reflexões pessoais ou experiências que iluminam ou são iluminadas pela discussão proposta.

Na primeira oferta da disciplina, 36 estudantes a concluíram com aprovação⁴. De modo experimental e tateante, a bibliografia estava então conectada à minha formação: calcada nos estudos feministas de tradição literária e na crítica feminista audiovisual. Em retrospecto, vejo uma ausência de diálogo com os estudos de gênero decoloniais e inserção tímida dos estudos *queer* e dos feminismos negros. Na apresentação do programa, uma estudante levantou uma questão que tenho levado em conta desde então: “Quantas dessas autoras são negras?”. Trata-se de constante questionamento ao patriarcado e de crítica insistente ao predomínio de pensadores homens [brancos] e seus trabalhos (HOOKS, 2020).

As produções das e dos estudantes demonstram a forte conexão com a cultura pop, com questões LGBTQI+ e com a interseção entre gênero e raça, e reforçam aquilo que Andy Zeisler (2008) argumenta: que a cultura pop é um dos terrenos privilegiados de disputas de sentido na contemporaneidade e um dos espaços onde as questões de gênero têm reverberado com força, de maneira muitas vezes contraditória e problemática. A maioria dos artigos trata sobre audiovisual, mas há análises críticas sobre temas relacionados à música e ao jornalismo. As reportagens buscam se aprofundar em temas locais, como a então recente adoção do nome social na UFOP, assédio no carnaval ouropretano, perfis de mulheres negras e de sujeitos trans na comunidade; outras abordam temas caros às pautas feministas, como aborto, violências simbólicas, transição capilar.

A segunda oferta da disciplina ocorreu no 2º semestre de 2017, praticamente com a mesma estrutura curricular e metodológica, contando, pela primeira vez, com a presença de um então orientando de mestrado, Rafael Francisco⁵, em estágio docente. A cultura pop volta a emergir como tema dominante da produção dos artigos, especialmente novelas ou seriados. Destaca-se uma diminuição da presença do Jornalismo como objeto de análise. Ao mesmo tempo, também diminui o viés local nas reportagens produzidas, que versam sobre temas da pauta nacional, como maternidade solo, doulas⁶, trabalho, entre outros.

As ofertas iniciais da disciplina deixam clara a necessidade dessa discussão em um curso de Jornalismo. Isso porque muitos dos trabalhos, sobretudo os artigos (mas também reportagens), estavam em diálogo direto com Trabalhos de Conclusão de Curso das e dos estudantes. Durante a apresentação coletiva da turma, uma das justificativas mais frequentes para cursar a disciplina tinha a ver com a possibilidade de o programa contribuir com a realização dos TCCs, especialmente a partir de uma

⁴ A disciplina oferta 50 vagas, com carga horária de 72 horas/aula no semestre, divididas entre 2 horas semanais teóricas e 2 práticas.

⁵ Cujas dissertação se intitula “Operações discursivas nos contos de fadas do *Walt Disney Animation Studios*: uma análise fílmica sobre corpo, beleza, raça e feminilidades em princesas” (2019).

⁶ Profissionais responsáveis pelo acompanhamento e suporte físico e emocional da gestação, do parto e do pós-parto, ajudando mulheres (e/ou casais) a se prepararem para a chegada da criança e na elaboração de plano de parto que respeite os desejos e a autonomia da mulher.

bibliografia pertinente aos estudos de gênero e das abordagens metodológicas debatidas.

Em muitas aulas, buscava abrir as discussões acionando autoras queridas, para entremear arte e teoria, em uma iluminação recíproca, e também como tentativa de ampliar os repertórios de muitas e muitos estudantes que tiveram pouco contato com a literatura na escola. Entre as obras/autoras que acionei ao longo dos cursos estão “Um útero é do tamanho de um punho”, de Angélica Freitas; “A mão esquerda da escuridão”, de Ursula K. Le Guin; “Amada” e “Compaixão”, de Toni Morrison; “Eu sei porque o pássaro canta na gaiola”, de Maya Angelou; “Kindred”, de Octavia Butler, “Borderlands/La Frontera”, de Gloria Anzaldúa; “Um teto todo seu”, de Virginia Woolf; e “Não vou lavar os pratos”, de Cristiane Sobral. Em outros momentos, fiz isso com produtos audiovisuais, trazendo-os para o centro do debate. bell hooks conta como, no início da carreira, desejava transmitir muitos conhecimentos aos estudantes — há mais de uma década na sala de aula, sinto, ainda, o mesmo. Controlar a tendência de ocupar todo o espaço de fala da aula, dividindo-o com a turma, foi e é um desafio. O acionamento desses produtos culturais também tem esse objetivo.

Nas duas experiências, vivi o privilégio de uma sala de aula engajada e disposta ao diálogo. Uma sala de aula composta majoritariamente por mulheres cisheterossexuais, mas com presença marcante de sujeitos LGBTQI+, bem como de mulheres negras, retrato da diversidade crescente que toma conta da universidade pública brasileira, a transforma e enriquece. Uma sala de aula feminista. Nela, a troca de experiências se entrelaçava a discussões do programa obrigatório, melhorando o debate. Em alguns casos, o choque do encontro com a dureza e os meandros da dominação heteropatriarcal (VERGÈS, 2020) afetava as e os estudantes, que se abriam sobre questões subjetivas as quais, por muitos anos, calaram. bell hooks (2020, p. 89) afirma que “contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade” e para curar feridas traumáticas. Uma estudante testemunhou sobre o processo de aceitação de seus cabelos crespos, já adulta e na universidade, depois de uma infância vendo bonecas que em nada se pareciam com ela e de uma adolescência submetida a processos de alisamento. Outro estudante contou como apenas na universidade pode exercer sua homossexualidade em liberdade; na pequena cidade de onde veio, vivia no armário — e, assim, arrombava, em um espaço seguro e com empatia, uma das portas dentre as muitas que irá enfrentar ao longo da vida (SEDGWICK, 2007).

Em sala, buscava acolher os relatos e a potência desses afetos, me colocando também em certa posição de vulnerabilidade (hooks, 2020) e compartilhando experiências, narrando-me um pouco à turma. Eram e são momentos catárticos. O encontro com verdades difíceis enunciadas pelos estudos de gênero, pela teoria *queer*, pelos feminismos negros, pela teoria decolonial, tem provocado um movimento dos sujeitos que reverbera muito além da produção intelectual. Mais de uma vez, orientandas e orientandos sentaram-se à minha frente, chorando, porque o mergulho nesses escritos potentes os afetava na carne, no corpo; falavam de si, corporificavam e subjetivavam conceitos. Confrontar o patriarcado, a branquitude, a misoginia, a LGBTQfobia, a colonialidade, significa darmos forma, na linguagem, a experiências e opressões por vezes sufocadas ao longo de toda a vida. Mediar essas experiências é uma posição instável e nem sempre confortável, mas que permite uma abertura verdadeira e radical entre sujeitos e a criação da comunidade de aprendizagem a que hooks se refere. Permite, também, um engajamento coletivo nos processos interativos do pensamento crítico, em que professoras e professores nem

sempre estão certos nem são únicos detentores do saber, e que o conhecimento está em constante mudança. Quando isso ocorre, “o aprendizado atinge o máximo de sentido e utilidade” e não há fracasso. Conforme hooks, “o pensamento crítico nos empodera” (2020, p. 36).

Pensar uma disciplina que tem a justiça de gênero como premissa significa efetuar uma constante desnaturalização de pressupostos patriarcais, coloniais, racistas, misóginos, LGBTQfóbicos, que estão internalizados nos sujeitos, nas instituições, na ciência, na educação. Para isso, a todo o momento busquei interrogar a turma sobre aquilo que é naturalizado rumo à desconstrução: a interrogação feminista. O constante convite a “dar um passo atrás” para observar criticamente os fenômenos. Essa interpelação constante tirava as e os estudantes de lugares de conforto; reviam valores e premissas, debatem coletivamente tópicos abordados — muitos advindos da bibliografia obrigatória, outros oriundos de discussões sociais que nos cerca(va)m. O resultado desses debates às vezes revelava um desconforto, porque não tinham como objetivo oferecer respostas fechadas, mas evidenciar a complexidade do tecido social.

Em uma das aulas, experienciei, com a turma, um movimento que tem se repetido no país: a usurpação de espaços plurais de debate por integrantes da extrema-direita, que se inserem em espaços voltados à discussão de direitos humanos para tumultuar, ofender, desestabilizar, com o intuito de provocar e, em alguns casos, deturpar o contexto e expor professores/as e estudantes comprometidos/as com a diversidade. Era uma aula a partir de um capítulo do livro “O mito da beleza” (1992), de Naomi Wolf. O estudante nunca havia comparecido à disciplina, apesar de estar matriculado. Chegou atrasado, vestia camisa da seleção brasileira. Passou a interferir na discussão, desviando-a de seu ponto e demarcando uma posição patriarcal e agressiva. De muitos afetos que poderiam emergir nas circunstâncias, e das memórias que permanecem daquele momento, ainda me comovo. Enquanto tentava mediar o debate para evitar que ele monopolizasse a fala, a turma, coletivamente, o interpelou e reagiu à tentativa de interrupção, incitando o estudante a acionar argumentos embasados, em vez das provocações de praxe que grupos desse tipo têm feito no ambiente universitário. Ele só desejava contribuir se pudesse estabelecer unilateralmente os termos da discussão; não acompanhou a aula até o fim e não compareceu mais.

2.1 DALI E PARA ALÉM

Uma premissa de minha atuação tem sido articular as esferas social e acadêmica. Assim, ao longo dos últimos anos, desenvolvo uma pesquisa feminista fortemente conectada a uma dimensão subjetiva de minha vida, investigando representações de meninas em animações infantis. É o rasgo que a maternidade produziu em minha atuação/em mim. Dentro do projeto de pesquisa “Quem é essa menina?” (2016) orientei uma dissertação de mestrado, um trabalho de conclusão de curso — “Quem é Tiana? Construções e representações da primeira princesa negra de animação da Disney” (ROZA, 2018) — e oito bolsistas de Iniciação Científica, três delas em editais exclusivos para estudantes que ingressaram na universidade por meio de ações afirmativas (PIBIC-Af). Nesse escopo, publicamos o artigo “A solidão das meninas negras: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis” (GOMES BARBOSA, SOUZA, 2018) e apresentamos em congresso o artigo “Brincadeiras, infância e feminilidade: as meninas protagonistas de animações televisivas nas décadas de 1980 e 1990”

(GOMES BARBOSA, DURVAL, 2018). Em 2019, duas bolsistas ganharam um prêmio da área de Ciências Sociais Aplicadas no encontro de pesquisa da UFOP. Em 2020, publiquei o artigo “Leslie e Ofelia, meninas que ousam sair do quarto: espaço, feminilidade e corpo em Ponte para Terabítia e O labirinto do fauno” (GOMES BARBOSA, 2020).

Desde 2016, praticamente todos os trabalhos de conclusão de curso que orientei (16) e todas as dissertações de mestrado têm recorte de gênero, todos na interseção entre gênero e mídia. No PPGCOM, atualmente oriento a seguinte pesquisa: “Beyoncé – representação e lugares de poder”, de Sandra Roza. Em 2021 e 2022, concluí as orientações das pesquisas “The Handmaid’s Tale e a emergência de uma situação comunicacional”, de Aryanne Araújo; “Forjando corpos maternos em Alterosa (1945-1951): a midiaticização da maternidade em revista”, de Alexandro Galeno; “Dar a Ver o Trauma: Rastros, Restituição e Testemunho Nas Fotografias de Mulheres Negras na Obra de Rosana Paulino”, de Sarah Gonçalves; e “Como nós mulheres somos representadas? Uma abordagem com perspectiva de gênero sobre o filme Como nossos pais”, de María Valeria Giamporoni. Na graduação, oriento um livro-reportagem sobre vaginismo, de Hannah Carvalho, e monografias sobre Mulan, de Narrian Gomes; sobre representação de mulheres negras em animes, de Sabrina Roza; sobre afetos lésbicos em “Retrato de uma jovem em chamas”, de Maria Luísa Sousa Reis; e sobre representações de feminicídios na imprensa, de Isabela Vilela.

Esse entrelaçamento também integra a extensão: coordenei entre 2018 e 2019 o projeto de incentivo à diversidade Ariadnes⁷, que realizou a escuta de testemunhos de sobreviventes de violências de gênero no ambiente universitário e os materializou em relatos escritos e audiovisuais. No âmbito da ação, publicamos o capítulo de livro “Os caminhos das Ariadnes: testemunho, verdade e jornalismo no enfrentamento de violências de gênero” (GOMES BARBOSA, CARVALHO; CARVALHO, 2019). No projeto de extensão institucional coordenado por mim na UFOP, Sujeitos de suas histórias, uma das ações busca, desde 2016, realizar atividades de educação para a igualdade de gênero com crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. O projeto Novos sujeitos de futuras histórias utiliza produtos midiáticos para desconstruir visões hegemônicas e patriarcais sobre feminilidade e masculinidade. A partir das experiências em escolas públicas de Mariana, realizamos interseção com opressões de raça e combate ao *bullying*. Em 2021, publicamos o artigo “Novos sujeitos de futuras histórias: a potência da mídia na educação de gênero para a infância” (GOMES BARBOSA; CARVALHO; PERES; FERREIRA, 2021) e o e-book gratuito “Guia para a igualdade de gênero”.

Entre 2020 e 2021, realizei pesquisa de pós-doutoramento junto à UFMG focada em produções audiovisuais seriadas policiais protagonizadas por mulheres e focadas em feminicídios, “Violência, corpo, trauma: imagens de mulheres e meninas no audiovisual”. Sumarizo, portanto, uma trajetória que partiu do amor romântico para a violência contra mulheres — percurso, a meu ver, consistente com a experiência histórica das mulheres sob o patriarcado e com meu aprendizado feminista: uma trajetória de desvelamento, estranhamento, combate, desfamiliarização e humildade.

3 FELIPE

⁷ Contemplado em dois editais do Projeto de Incentivo à Diversidade e Convivência (PIDIC) da UFOP, da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis.

Quem chega ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal de Ouro Preto, depara-se imediatamente com um grafite que ocupa grande parte de uma das paredes daquele conjunto de edifícios. A imagem ilustra André Colares, professor do curso de administração da instituição e que, em 2016, foi vítima de um crime homofóbico⁸. O painel, uma homenagem a André, também é uma lembrança de que, ainda que sigamos resistindo, a injúria, a violência física e o assassinato (ERIBON, 2008) são ameaças constantes a nós que, não englobados pela heteronormatividade (WARNER, 1991), ousamos existir.

Cheguei ao mesmo instituto cerca de um ano depois, em setembro de 2017. Na ocasião, para além das disciplinas obrigatórias que me foram designadas, ao poder optar dentre uma listagem pré-definida por uma eletiva, escolhi tornar-me professor de Mídia e Cidadania no Brasil. Como *gay*, e como alguém que, desde as investigações desenvolvidas ainda na graduação, voltava-se à discussão das representações das identidades e das diferenças nas mídias e no jornalismo⁹, julguei que seria uma experiência docente importante e para a qual eu me sentia preparado.

Ao desenhar o plano da disciplina, optei por desenvolver, a cada semana, uma reflexão que contemplasse ou diferentes aspectos identitários e suas representações (tais como gênero, geração, sexualidade, raça, classe social e deficiência) ou coberturas/lugares que evidenciassem disputas simbólicas e materiais concernentes à temática da cidadania (tais como crimes ambientais, aspectos relacionados à questão agrária/concentração de terras). A cada aula, ainda, a partir das leituras realizadas e do debate desenvolvido, acessávamos, juntos, alguma produção audiovisual (filmes ou séries) que tangenciasse o tema daquela ocasião.

Pude observar, então, que ao contrário daquilo que se passava nas disciplinas obrigatórias que eu então ministrava, em Mídia e Cidadania no Brasil (25 matrículas) as participações das/dos estudantes, em geral, eram mais frequentes, sendo marcadas por testemunhos que dialogavam com os temas evocados, que passavam pelas impressões dos textos e pelo acesso às distintas peças midiáticas mas, especialmente, por experiências pessoais que evidenciavam lugares de opressão e de violência.

Recordo-me especialmente de uma. Em determinada aula, ao refletirmos sobre gênero/raça e seu caráter interseccional (CRENSHAW, 2002), uma das

⁸ Segundo a polícia, citada em matérias jornalísticas então recuperadas, em uma festa universitária, André (24 anos) teria mantido relações sexuais com um menor de idade não identificado (17 anos). Após as relações, o rapaz teria agarrado André por trás e desferido golpes no pescoço da vítima. A motivação homofóbica teria sido descartada pela polícia uma vez que o crime teria se dado devido a uma "discussão". O delegado responsável, entretanto, teria considerado razoável supor que o assassino poderia ter agido por "ressaca moral", o que reitera a nossa percepção de que se tratou, de fato, de um crime de ódio. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/07/08/interna_gerais,781665/policia-civil-conclui-que-professor-morto-em-festa-do-curso-de-medicin.shtml. Acesso em: 26 mar. 2022.

⁹ Ao longo de minha graduação (Jornalismo) e de meu mestrado (Ciências da Comunicação) investiguei representações da velhice no jornalismo. Em meu doutorado (Ciências da Comunicação) investiguei questões de gênero/masculinidade e de sexualidade/homossexualidade em revistas voltadas ao público masculino. Em meu pós-doutorado, o qual realizei entre os anos de 2017 e 2019, integrei uma investigação que abordava a violência de gênero/crimes de proximidade e narrativa jornalística. Em relação a essas pesquisas, ver Machado, 2020; Machado, 2018 e Chagas, Mendonça e Azevedo, 2020.

estudantes relatou que sua república¹⁰ havia sido convidada, por uma outra república feminina, para uma festa que seria promovida por uma república masculina. O convite havia sido feito porque, no rock (termo local que designa a festa), deveria existir um número compatível de homens e de mulheres. Ao chegarem ao local, contudo, um grupo de meninas teria sido barrado em razão do fato delas serem negras (o que, foi possível deduzir, geraria um problema naquilo que se refere à constituição dos pares entre homens e mulheres, sinalizando não apenas uma lógica machista, patriarcal e heteronormativa, como, também, racista).

Nessa disciplina, para fins de avaliação, reproduzi uma fotografia que eu havia feito ainda naquele semestre, ao passar pela Praça Minas Gerais, no centro histórico da cidade. A imagem mostrava um grupo de turistas (brancos, loiros) que, diante do pelourinho, emulava escravos presos/torturados a fim de obter lembranças/registros fotográficos. O trabalho final, por sua vez, consistiu no desenvolvimento, em grupos, de um exercício de crítica midiática tendo em vistas as questões suscitadas ao longo do semestre. Provas e trabalhos, do mesmo modo, mesclaram menções às bibliografias estudadas e, muito marcadamente, reflexões sobre experiências pessoais (muitas, também, ocorridas no contexto da universidade) as quais evidenciavam lugares de subalternidade (SPIVAK, 2010).

Nos semestres subsequentes, para além de disciplinas obrigatórias, fui o docente responsável por um conjunto de matérias que traziam, de modo muito marcado, um diálogo com questões de identidade/diferença, gênero/sexualidade e relações de poder, dentre as quais destaco Gênero e Jornalismo (24 matrículas no contexto presencial e 05 matrículas no contexto remoto), Comunicação e Estudos Culturais (20 matrículas) e, já no contexto da pós-graduação, Corpos que importam na Cultura Pop (15 matrículas) e Comunicação e Teoria Queer (09 matrículas) (disciplinas eletivas propostas por mim a partir de meu projeto de pesquisa atual).

Ainda que disciplinas distintas, em todas elas foi possível constatar, da mesma maneira, uma relação muito forte naquilo que tange a evocação de experiências de caráter íntimo e, não raras vezes, traumáticas. Em Gênero e Jornalismo uma estudante compartilhou com a turma uma situação de abuso sexual sofrido em uma das repúblicas da instituição. O incômodo frente ao caso, e ao pouco envolvimento da universidade na investigação do crime – o que permitiu ao abusador colar grau – fez com que, como trabalho final para a disciplina, a discente desenvolvesse uma reportagem sobre o assunto (abusos sexuais no contexto das repúblicas e a posição institucional frente a isso). Em Corpos que importam na Cultura Pop e em Comunicação e Teoria Queer, estudantes, pela primeira vez publicamente, assumiram-se gays e bissexuais, relataram episódios de machismo/racismo sofrido no contexto da graduação e da pós-graduação e, para além das pesquisas em desenvolvimento, buscaram em perspectivas teóricas e políticas dos estudos de gênero/sexualidade modos de compreender a si mesmos e de reivindicar respeito pelas suas identidades. Outro traço comum nestas disciplinas (em especial nas realizadas presencialmente, pré-pandemia) foi a presença contínua de amigos, colegas de repúblicas e parceiros afetivos/sexuais que, motivados pelo diálogo com os discentes matriculados, sentiam-se estimulados a ler os textos e a participar das

¹⁰ Naquilo que tange a moradia estudantil, a Universidade Federal de Ouro Preto conta com apartamentos, vilas, conjuntos e repúblicas. As repúblicas são imóveis cedidos pela instituição, mas que operam em um regime de autogestão e que possuem critérios de seleção próprios. A longa tradição das repúblicas, para além da solidariedade e do senso de comunidade, também é marcada por acontecimentos que evidenciam lógicas patriarcais, racistas e LGBTfóbicas.

aulas, ainda que isso não pudesse ser contabilizado para fins de currículo/carga horária. Tendo em vista os temas então suscitados, e o modo pessoal e político de participação, contudo, eu apenas aceitava em sala aquelas pessoas que fossem trazidas/apresentadas por alguém matriculado, a fim de evitar situações de violência/intimidação. Houve uma estudante, por exemplo, que participou de todas as aulas e, inclusive, mesmo sem poder ser avaliada, pediu para que pudesse realizar o trabalho final (um artigo que discutiu masculinidades em uma série de televisão policial) e tê-lo corrigido.

A partir das discussões travadas ao longo destas disciplinas (e também de outras matérias, nas quais, eventualmente, acionávamos tais reflexões), tornei-me orientador de alguns trabalhos de conclusão de curso que, fundamentalmente, discutiam gênero/sexualidade, representação midiática e relações hierárquicas então estabelecidas.

Wandeir Campos (2019), em "A trajetória de Ivan: a transgeneridade na telenovela A Força do querer", investigou os modos pelos quais Ivan (personagem transgênero da telenovela em questão) era representado ao longo da trama e ao longo de seu processo de transição; Viviane Moreira (2019), em "Representações femininas em Jessica Jones: Uma análise da série da Netflix a partir das Teorias Feministas e Teoria Queer", buscou observar, a partir de três personagens femininas, como questões de gênero/sexualidade eram mobilizadas pela trama; Jeane Polva Lourenço Silva (2020), em "Mutan" (projeto experimental), desenvolveu um livro de contos e de testemunhos de temática LGBT; Maria Letícia Nolasco Cardoso (2020), em "A vítima da notícia: A agressão social sofrida pela mulher espelhada na mídia", desenvolveu uma grande reportagem em torno da cobertura midiática acerca da violência contra a mulher; Karla Rezende (2021), em "*It is Britney, bitch!* Entre o bem e o mal dos corpos femininos e os modos possíveis de ser mulher", ao perceber a trajetória de Britney Spears como um acontecimento midiático, reflete sobre os lugares permitidos e interditados aos corpos femininos. Neste momento, Gustavo Ferreira está desenvolvendo uma série de ensaios fotográficos que discutem o que é ser LGBT em Ouro Preto, Paula Vieira está produzindo um canal de vídeos que se volta às discussões de gênero em filmes da cultura pop e Fabrício Pereira também está produzindo um canal de vídeos que refletem sobre questões de gênero e sexualidade em animes da década de 1990.

Cabe ressaltar, contudo, que em tais disciplinas (optativas) matriculam-se estudantes que almejam realizar tais reflexões. Em disciplinas obrigatórias, onde eventualmente questões de gênero, sexualidade e raça surgem, nem sempre as reações são tão positivas. No contexto de uma disciplina obrigatória (Radiojornalismo), como uma das atividades, solicitei o desenvolvimento de uma reportagem sonora em trios. A fim de termos uma unidade temática realizamos uma votação. A turma optou, em sua maioria, pela realização de reportagens sobre questões de gênero e sexualidade no contexto da região dos Inconfidentes (onde situa-se a UFOP). Um estudante, contudo, recusou-se a realizar o trabalho sobre o tema, alegando considerar que estaria havendo uma imposição em relação ao assunto. Ele optou, então, por fazer a reportagem (a qual abordou a temática do turismo) individualmente e, coincidentemente ou não, pediu minha autorização para filmar algumas de minhas aulas¹¹, sob o argumento de que conseguiria, deste modo,

¹¹ Cabe ressaltar que a solicitação de filmagem se deu concomitante à incitação do então presidente a filmar professores que, em vez de ensinarem, estariam doutrinando seus alunos. Disponível em:

apreender melhor o conteúdo abordado. Em Redação em Jornalismo, disciplina também obrigatória, costumo propor a leitura de diferentes livros reportagem e, em algumas situações, realizar uma prova oral (na verdade uma reflexão individual) sobre a obra. Em mais de uma situação, ao trabalharmos com o livro “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, obra premiada da jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes (2017), ouvi comentários de ordem transfóbica que versavam sobre uma “agenda” que importaria tal discussão (discussão então considerada desnecessária, inapropriada) aos estudantes.

Para além do escopo das disciplinas, embora ainda no contexto da universidade, participei, e atuei como coordenador, de um projeto de extensão que visava a promover rodas de conversa e podcasts sobre diversidade. As relações entre gênero e raça, gênero e geração, masculinidades, transgeneridade, identidade lésbica e violência de gênero foram então alguns dos tópicos abordados pelo Projeto Vidas: Gênero, Diversidade e Sexualidade (MENDONÇA; DINIZ; MAIA, 2021). A depender do assunto, observava-se uma participação mais ampla ou mais restrita, bem como um maior ou menor engajamento da comunidade universitária e externa. A partir das informações que disponho, desconheço situações de constrangimento ou violência que tenham ocorrido durante as atividades. Tal projeto, cabe ressaltar, contava, e ainda conta, com recursos do Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência, da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da UFOP.

No contexto da pós-graduação, também considero importante destacar, a orientação, já concluída ou em curso, de investigações que se voltam, do mesmo modo, às questões de identidade e diferença, de modo mais amplo, e às representações de gênero e de sexualidade, de modo mais específico. Maria Gorete da Silva (2020), em “As performances de si nas redes como ciberacontecimento: Análise da *hashtag ten years challenge*”, investiga performances de usuários de redes sociais, sinalizando, dentre outros aspectos, relações com juventude/envelhecimento; Jussara Silva (2022), em “*Femina Revelio: Bellatrix, Hermione e Minerva e as representações da mulher/bruxa na saga cinematográfica de Harry Potter*”, se volta às representações femininas na saga em questão; Daniela Souza, a partir de Rita Von Hunty (drag queen e professora), pensa as relações estabelecidas a partir desse duplo lugar; Matheus Moreira, tendo em vista os beijos gays veiculados em telenovelas da Rede Globo, reflete sobre lugares possíveis, e interditados, de representação, e Giulian Salles, mobilizada pelas discussões em torno dos afetos, pensa representações de gênero e de sexualidade em produções audiovisuais nacionais.

Meu projeto de pesquisa atual¹², “Quais vidas realmente importam em Westeros? Gêneros e Sexualidades em As Crônicas de Gelo e Fogo e em Game of Thrones”, se volta às narrativas literária e audiovisual de “As Crônicas de Gelo e Fogo” e de “Game of Thrones” a fim de ponderar sobre os modos pelos quais questões de gênero e sexualidade são significadas na trama. O projeto, financiado desde 2020, conta com três bolsistas de iniciação científica (Ana Carolina Fonseca, Julia Diegoli e Kaio Veloso).

Ao dar início a essa seção, recuperei elementos que dizem da minha chegada à Universidade Federal de Ouro Preto e do modo como aquele painel pintado no muro, talvez de razão de existir desconhecida para alguns que por ali transitam, me afeta enquanto lembrança de uma vida ceifada em razão da intolerância e da

<https://veja.abril.com.br/politica/Bolsonaro-defende-gravacao-de-professores-por-alunos-em-sala-de-aula/> Acesso em: 26 mar. 2022.

¹² Sobre o projeto, ver Kolinski Machado (2021).

discriminação. Uma vida como a minha, uma vida não englobada por uma lógica patriarcal e heterossexista, uma vida que, sob muitas lógicas, importa menos, vale menos. Esse painel, contudo, também sinaliza que há resistência, que há movimentos e que há espaços para a existência e pelo respeito à diversidade.

E acredito, muito fortemente, que a educação é um desses lugares possíveis para que outras histórias possam também ser escritas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Donna Haraway (1995, p. 24) ensina que os saberes são localizados, argumentando em favor de uma doutrina e de uma prática de objetividade que privilegie “a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver”. Ainda a partir deste lugar, e ao pensar a visão como metáfora, Haraway (1995) pergunta: com o sangue de quem foram feitos os meus olhos? Com a questão, Haraway (1995) evidencia que a visão é sempre uma questão relacionada ao poder de ver. Como professora e professor e pesquisador, acreditamos em uma construção coletiva de conhecimento. Como mulher e como bicha¹³, pensamos que uma revolução pela valorização de vidas dissidentes e de corpos estranhos (LOURO, 2008) possa se dar/passa necessariamente pela educação. No contexto de um curso de Jornalismo, que forma profissionais da Comunicação e investigadores da área, acreditamos ser, como docentes, promotores de outros discursos os quais, com esperança, poderão encontrar ecos em outros sujeitos, sujeitas, sujeites e, assim, contribuir para transformar a Comunicação e o Jornalismo, descentrando-o do modelo hegemônico heteropatriarcal por meio do questionamento aos princípios de neutralidade, objetividade, imparcialidade, como propõem Miguel e Biroli (2010), e de exercícios e atuações que experimentem ver/falar de outros lugares; a fala/a visão de vozes diversas; falar/ de/ver outras histórias.

Em um mundo masculino (LOURO, 1997) e diante de um jornalismo igualmente masculino (VEIGA DA SILVA, 2014), acreditamos na promoção de uma subjetividade que possa operar como estratégia descolonizadora (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019). Se a objetividade está inscrita em uma noção de sujeito universal (homem, branco, cisgênero, heterossexual, ocidental), transformando diferenças em desigualdades (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019), há que se promover, de um ponto de vista teórico, epistemológico e político, outros saberes, que digam de outras vidas, que podem e devem importar (BUTLER, 2019).

É a partir desses lugares, com inspiração em tais perspectivas teóricas, epistemológicas e políticas, que compreendemos o debate em torno de questões de gênero e de sexualidade no contexto de um curso de Jornalismo e de um Programa de Pós-graduação em Comunicação no interior mineiro. É onde nos situamos e percebemos a potência de, por meio de nossas ações, colaborar para a construção de uma sociedade mais abrangente, plural e democrática.

¹³ O termo “bicha” é empregado, neste texto, de modo político e crítico. Em diálogo com os estudos *queer*, o objetivo é gerar uma resignificação a partir de sua reapropriação. Não se trata, aqui, de reafirmar a ofensa homofóbica, mas, ao contrário disso, de falar, com orgulho, a partir dela. Sobre essa reflexão, ver Kolinski Machado (2021).

REFERÊNCIAS

GOMES BARBOSA, K.; CARVALHO, A. L. ; FERREIRA, M. H. ; PERES, K. C. Novos Sujeitos de Futuras Histórias: a potência da mídia na educação de gênero para a infância. **Experiência - revista científica de extensão**, v. 7, n. 2, p. 1-21, 2021.

_____. Leslie e Ofelia, meninas que ousam sair do quarto: espaço, feminilidade e corpo em Ponte para Terabítia e O labirinto do fauno. **Mídia E Cotidiano**, v. 14, n. 1, p. 133, 2020.

_____; CARVALHO, R. L. V. R.; CARVALHO, A. L. Os caminhos das Ariadnes: testemunho, verdade e jornalismo no enfrentamento de violências de gênero. In: Katia Maria Belisário; Dione O. Moura; Liziane Guazina. (Org.). **Gênero em Pauta: Desconstruindo Violências, Construindo Novos Caminhos**. 1ed. Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 336-368.

_____; DURVAL, C. C. Brincadeiras, infância e feminilidade: as meninas protagonistas de animações televisivas nas décadas de 1980 e 1990. In: V Encontro Sudeste da História da Mídia, 2018, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: Alcar, 2018. v. 1. p. 1-15.

_____; SOUZA, F. A solidão das meninas negras: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis. **Revista Eco-Pós (Online)**, v. 21, n. 3, p. 75-96, 2018.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". São Paulo: N-1. 2019.

CAMPOS, W.. A trajetória de Ivan: a transgeneridade na telenovela A Força do Querer. 2019. 83 f. **Monografia** (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. 2019.

CARDOSO, M.L.N.. A vítima da notícia: compreendendo a violência contra a mulher através das lentes do jornalismo. 2021. 24 f. **Monografia** (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

CHAGAS, I.; MENDONÇA, F.V.K.M.; AZEVEDO, J. H. P. Narrativas de homens autores de violência contra mulheres: pistas para compreensão de um fenômeno mais amplo. In: LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A.; ANTUNES, E. **Um problema cotidiano**: jornalismo e violência contra mulher no Brasil. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020. P. 159 – 178.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188. 2002.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2008.

FRANCISCO, R. P. Operações discursivas nos contos de fadas do Walt Disney Animation Studios: uma análise fílmica sobre corpo, beleza, raça e feminilidade em princesas. 2019. 193 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. 2019.

HADDAD, S. Paulo Freire e bell hooks: um encontro permanente. In: HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020, p. 10-21.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. .5, p 7-41. 1995.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

KOLINSKI MACHADO, F. V.. E mesmo ameaçado eu serei cada vez mais viado: Considerações sobre o pop como espaço de existência/resistência para a criança viada. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, p. 288-304, 2020.

_____. Notas sobre o martírio feminino em Game of Thrones. **E-COMPÓS** (BRASÍLIA), p. 1-24, 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes. 1997.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008.

MACHADO, F.V. K. **Homens que se veem**: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal. – Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.

_____. **Seja jovem**: sentidos sobre a velhice em cinquenta anos de Veja (1968-2017). Ouro Preto: Editora UFOP, 2020.

_____. E a mídia criou a mulher: como a tv e o cinema constroem o sistema de sexo/gênero. 2006. 242 f. **Tese** (Doutorado em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

MENDONÇA, F. V. K. M.; DINIZ, M.; MAIA, M. R. Gênero e sexualidades no contexto da universidade pública: estudo de caso do Projeto Vidas - UFOP. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 7, n. e021027, p. 1-17, 2021.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 73, p. 59-76. 2010.

MORAES, F.; VEIGA DA SILVA, M. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais**, Porto Alegre: Compós, 2019.

_____. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Arquipélago Editorial Ltda, 2017.

MOREIRA, V. Representações femininas em Jessica Jones: Uma análise da série de da Netflix a partir das Teorias Feministas e Teoria Queer. 2019. 138 f. **Monografia** (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. 2019.

REZENDE, K. B. C. P.. "*It's Britney, bitch!*": entre o bem e o mal dos corpos femininos e os modos possíveis de ser mulher 2021. 61 f. **Monografia** (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

ROZA, S. R. de C. Quem é Tiana? Construções e representações da primeira princesa negra de animação da Disney. 2018. 127 f. **Monografia** (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. 2018.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu* [online]. n.28, pp.19-54. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 mar. 2022.

SILVA, J. P. L. MUTAN: potência narrativa e protagonismo LGBTQ+ em contos ficcionais e testemunhos de experiência. 2020. 37 f. **Monografia** (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

_____. *Femina Revelio*: Bellatrix, Hermione e Minerva e as representações da mulher/bruxa na saga cinematográfica de Harry Potter. 2022. 187F. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

SILVA, M. G.. As performances de si nas redes como ciberacontecimento: análise da *hashtag ten years challenge*. 2020. 180 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG. 2010.

VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção de notícias. Série Jornalismo a rigor. v.8. Florianópolis: Insular. 2014.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu. 2020.

WARNER, M. (editor). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis/London, University of Minnesota Press. 1991.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco. 1992.

ZEISLER, A. *Feminism and pop culture*. Berkeley: Seal. 2008.